

## Construindo materiais de apoio didático para o ensino de flauta doce

### Comunicação

*João Pedro Barnez*  
*Universidade Federal de Goiás*  
[jp\\_barnez\\_1995@discente.ufg.br](mailto:jp_barnez_1995@discente.ufg.br)

*Ms. Cristiane Carvalho*  
*Universidade Federal de Goiás*  
[criscarvalho@ufg.br](mailto:criscarvalho@ufg.br)

**Resumo:** O presente relato tem como objetivo principal apresentar os resultados parciais de um projeto que busca desenvolver, de forma colaborativa, um acervo com material didático, que sirva de apoio para os estudos diários dos alunos das disciplinas de flauta doce dos cursos de Licenciatura em Música. Esta pesquisa tem sido desenvolvida com base em um plano de trabalho que envolve a classificação de repertório, técnicas de ensaio de grupos de flauta doce e equipamentos e softwares de gravação. Os resultados mostram que o planejamento adequado e o embasamento teórico auxiliam na qualidade dos áudios, além de impulsionar a prática diária e consciente dos participantes do projeto.

**Palavras-chave:** Música; Flauta doce; Material Didático; Gravação

### Introdução

Diversos cursos de licenciatura em música contemplam, na formação do discente, a possibilidade de capacitação para atuar como professor de flauta doce mediante o aprendizado da técnica, da literatura e do repertório específicos deste instrumento. Para que o futuro professor tenha fluidez e domínio no uso do instrumento, é fundamental a prática de leitura, execução e interpretação de obras que abrangem diversos gêneros e estilos. Atualmente, vemos a ampliação de publicações acadêmicas que abordam obras de compositores brasileiros para flauta doce. Iniciativas como a da professora Lúcia Carpena na UFRGS, em seu projeto de extensão “Prata da Casa”, que propõe identificar e caracterizar o

repertório moderno e contemporâneo para flauta doce; o projeto de gravação e edição de partituras de música brasileira erudita para flauta doce e piano do projeto DuoBrasil de Betiza Landim e Daniela Carrijo Franco; e a proposta de catalogação e análise de repertório da flauta doce no século XX de Daniele Cruz impulsionam a busca por novas práticas para o instrumento. Neste sentido, a proposição de gravações de apoio (minus one) busca contribuir para o desenvolvimento de habilidades musicais e condicionamento motor dos alunos, em sintonia com o desenvolvimento de novas formas de ensino.

As práticas coletivas de flautas doce é uma das formas de se fazer música de câmara nas instituições de ensino hoje. Particularmente, nas universidades brasileiras, estas formações são também importantes ferramentas de ensino que carecem de material pedagógico para sua prática. A compreensão e audição interna de todas as vozes de uma obra polifônica é fundamental para a performance, desta forma, é importante disponibilizar materiais que possibilitem o estudo individual, sem excluir o acompanhamento e as outras vozes que fazem parte do arranjo que será tocado pelo grupo.

Esta pesquisa tem sido desenvolvida com base em um plano de trabalho que envolve a classificação de repertório, técnicas de ensaio de grupos de flauta doce e equipamentos e softwares de gravação. O grupo de flautas doce participante do projeto é composto por alunos do último ano do curso e orientados pelo monitor e a professora da disciplina em ensaios semanais. Assim, o projeto foi abordado de forma colaborativa, contando com debates e intervenções de todos os participantes do grupo, as decisões foram feitas de forma coletiva, buscando sempre as melhores escolhas para a produção de um bom material de apoio didático para as aulas de flauta doce.

### **Classificação de repertório por dificuldade técnica**

As discussões sobre a escolha de repertório adequado a cada nível de dificuldade técnica foram realizadas em conjunto com os alunos, buscando lembrar todos os estágios de desenvolvimento técnico que passaram. Os planos de ensino das disciplinas de flauta doce (em conjunto) subsidiaram a definição de parâmetros, mais diretamente, os trabalhos de Monkemeyer (1976), usados nas aulas dos três primeiros semestres para ensino da flauta

doce, e o Método de Giesbert (1957) para flauta doce contralto, contemplado nos três últimos semestres do curso.

A separação de peças para um instrumento em diferentes níveis de dificuldade técnica é uma prática comum que auxilia músicos ao montar determinados repertórios, bem como alunos e professores, para que possam montar programas de ensino e aprendizagem que sigam uma progressão clara de desenvolvimento técnico e aumento gradativo de dificuldade.

O centro educacional Pearson, por exemplo, disponibiliza tabelas com níveis de dificuldade em peças solo para diversos instrumentos, divididos para três diferentes níveis: Pearson Edexcel Level 1/Level 2 GCSE in Music, Pearson Edexcel Level 3 Advanced Subsidiary (AS) GCE in Music, Pearson Edexcel Level 3 Advanced GCE in Music, cada um desses níveis são divididos em 3 sub níveis: less difficult, standard, more difficult (menos difícil, padrão, mais difícil), que ainda são seccionados em até 9 categorias cada.

Ao longo dos anos, foram sendo desenvolvidos modelos e parâmetros que definem, de maneira geral, quais fatores são responsáveis pela dificuldade que se encontra na execução de determinada obra. Esses parâmetros não são universais e são passíveis de exceções, mas servem como guia e oferecem informações precisas sobre as peças. Um bom exemplo é a tabela da American Band College Music Grading Chart (ABCMGC) que traz um gráfico completo, com informações detalhadas e parâmetros para a distinção e classificação de peças em cinco níveis diferentes. Os parâmetros abordados são: compasso, armadura de clave, andamento, figuras rítmicas, pausas, métrica, dinâmicas, articulação, ornamentação, complexidade do arranjo, duração, coisas a serem evitadas e extensão/tessitura.

Esse modelo do ABCMGC, apesar da necessidade de ajustes por se referir a instrumentos de banda marcial, apresenta parâmetros muito próximos dos que utilizamos para montar a tabela dos níveis de dificuldade específica do projeto de flauta doce, os principais critérios utilizados foram tessitura, tonalidade, andamento e métrica/ritmo. Os planos de ensino da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG das disciplinas de flauta doce em conjunto foram usados como padrão metodológico, que tem a proposta a iniciação de alunos de flauta doce com a seguinte divisão: flautas sopranos por três semestres e contraltos por

mais três. Dessa forma, os níveis de dificuldade foram montados de acordo com a estrutura apresentada nesses planos, conforme a tabela abaixo:

**Quadro 1: Níveis de seleção de obras**

Semestres	Flauta	Nível de dificuldade
1º semestre/ 1º ano A	Soprano	1-A
2º semestre/ 1º ano B	Soprano	1-B
3º semestre/ 2º ano A	Soprano	2-A
4º semestre/ 2º ano B	Contralto	2-B
5º semestre/ 3º ano A	Contralto	3-A
6º semestre/ 3º ano B	Contralto/Soprano/Tenor/Baixo	3-B

Cada um dos critérios a seguir foram analisados nas obras selecionadas para classificação em níveis, que acontece de acordo com o plano de ensino de flauta doce e o desenvolvimento técnico sugerido pelos métodos de estudo selecionados.

Tessitura: a tessitura de uma melodia está diretamente ligada à sequência e padrões de dedilhados utilizados. A aprendizagem dos dedilhados, de acordo com o método Monkemeyer (1976), se inicia na região média da flauta. A nota fundamental da flauta soprano é o Dó4, mas inicia-se a partir do sol4, lá4, si4, dó5, ré5 para então abordar as notas graves: fá4, mi4, ré4 e dó4, depois partindo efetivamente para a segunda oitava da flauta: do mi5 em diante. Essas notas descritas são referentes ao conteúdo dos 4 primeiros capítulos do método utilizado. Essa tessitura foi definida pelo grupo como objetivo satisfatório para o final do primeiro semestre do curso. No segundo semestre, a tessitura é ampliada até o lá 4, chegando ao capítulo 5, ao terceiro semestre, o aluno toca até o Ré6, completando a extensão total da flauta.



Nos semestres em que os alunos estudam com a flauta contralto, a extensão e o dedilhado se mantêm os mesmos dos semestres anteriores, porém, transposto para uma quinta abaixo. No primeiro semestre, toca-se do Fá3 ao Lá4, no segundo semestre, expande-se até o Fá5, abordando praticamente toda a extensão possível de ser executada na flauta contralto utilizando a técnica tradicional. O último semestre é destinado ao intercâmbio de flautas, o aluno varia entre peças para flauta soprano, contralto, tenor e baixo.

Tonalidade: um fator importante na definição do nível de dificuldade de determinada peça é a tonalidade que se encontra definida pela armadura de clave, ou seja, pela quantidade de alterações que se apresenta. É prática comum que o ensino de instrumentos melódicos e harmônicos se inicie com as notas naturais, incorporando aos poucos, alguns sustenidos e bemóis. As tonalidades que não tem alterações são dó maior e lá menor, partindo desse ponto, incorpora-se acidentes de forma gradual, de acordo com o ciclo de quintas. As tonalidades pensadas para o primeiro semestre apresentam no máximo 2 alterações, sendo elas o fá# e Sib, focando nas tonalidades de dó maior, fá maior e sol maior. Já no segundo semestre, incorpora-se o Dó#, Sib e Mib, além das escalas de Ré maior, Si bemol maior e Mi bemol maior. Ao terceiro semestre, o aluno incorpora 4 sustenidos e 4 bemóis, sendo suficiente para explorar toda a escala cromática da flauta, considerando as enarmonias.

Na flauta contralto, o primeiro semestre engloba dois sustenidos (Fá# e Dó#) e dois bemóis (Mib e Sib) e no segundo semestre, da mesma forma do desenvolvimento com a soprano, expande-se para 4 sustenidos e 4 bemóis, passando por toda a escala cromática do instrumento.

Andamento: existem dificuldades específicas para cada situação, porém, de maneira geral, andamentos lentos são mais fáceis de tocar em relação a andamentos rápidos, no que se refere à flauta, não é diferente. Apesar de problemas com notas longas, em andamentos rápidos é necessário muito mais atenção e foco do instrumentista, bem como agilidade maior nos dedos e articulações mais precisas.

Apesar disso, o andamento de uma peça é razoavelmente flexível e pode variar bastante, ficando muito à critério do intérprete. Outro fator a ser considerado é que estudantes de música diminuem o andamento de peças, aumentando gradativamente até a

velocidade sugerida pelo compositor. Tendo isso em mente, foram gravadas versões diferentes para cada peça, de forma que os alunos tenham essa possibilidade de aumento gradual. Todo o repertório conta com duas versões: uma lenta e uma na velocidade sugerida, com exceção da música “Lamentos”, de pixinguinha, que foi gravada em três velocidades diferentes, duas mais lentas (56 e 66 bpm) e uma na velocidade sugerida pelo arranjador, 76 bpm.

Métrica/ Ritmo: a métrica e o ritmo são fatores determinantes na dificuldade de uma peça e, na flauta doce, estão bastante relacionados com a qualidade da articulação. Figuras rítmicas mais curtas/ rápidas, apesar de dependerem intimamente do andamento, geralmente são mais difíceis de tocar. Síncopes, acentuação deslocada, quiálteras, compassos compostos e compassos irregulares são fatores que contribuem para a maior dificuldade de uma obra. As peças selecionadas para o primeiro semestre abordam compassos simples e figuras rítmicas básicas: semibreves, mínimas, semínimas e colcheias. No segundo semestre, tem-se a adição de semicolcheias, mínimas e semínimas pontuadas e tercinas. Nos semestres com a flauta contralto, trabalha-se as mesmas figuras rítmicas trabalhadas com a soprano, com adição da colcheia pontuada. As peças selecionadas para os níveis finais são músicas de choro, estilo cujo discurso musical é fortemente baseado em síncopes, cromatismos e frases rápidas em semicolcheias.

Chegamos a uma definição embasada nesses critérios, para a seleção de repertório de conjuntos de flauta doce em sua fase inicial de desenvolvimento, detalhado no quadro abaixo.

**Quadro 2: Parâmetros para seleção de repertório**

Nível de Dificuldade	Flauta(s) Utilizada	Tessitura	Tonalidades	Métrica/ Ritmo/
				Pausas
1-A	Soprano	Dó4 → Mi5	Dó Maior Sol Maior Fá Maior	Semibreve, Mínima, Semínima, Colcheia,



1-B	Soprano	Dó4 → Lá5	+ Ré maior Si bemol maior Mi bemol maior	Semibreve, Mínima, Semínima, Colcheia, Semicolcheia, Semínima Pontuada, Tercinas
2-A			Soprano 4	Dó4 → Ré6 4 sustenidos e Semibreve, Mínima, bemóis (Esc. Semínima, Colcheia, cromática) Semicolcheia, Semínima Pontuada, Tercinas
2-B	Contralto	Fá3 → Lá4	Fá maior Dó maior Si Bemol maior	Semibreve, Mínima, Semínima, Colcheia Tercinas
3-A	Contralto	Fá3 → Fá5	4 alterações: Sib, Fá#, Mib, Dó#	Semibreve, Mínima, Semínima, Colcheia, Semicolcheia, Semínima, Colcheia Pontuada, Tercinas
3-B	Soprano, Contralto, Baixocromática)	Fá2 → Ré6 Colcheia Pontuada,	4 sustenidos e 4 bemóis (Esc.	Semibreve, Mínima, Semínima, Colcheia, Semicolcheia, Semínima, Tenor e Tercinas

A seleção das obras focou a busca por repertórios nacionais, populares e folclóricos, sendo assim, foram selecionadas obras como “Lamentos”, de Pixinguinha, “Assum Preto”, “Qui nem Jiló” e “Volta da asa branca” de Luiz Gonzaga, “Rosa Vermelha”, parte do folclore alagoano, além de peças autorais de integrante do grupo como “Três Folhas”, composta pelo autor. Muito do repertório selecionado não foi escrito para flauta doce, portanto, foram utilizados arranjos e adaptações de músicos como Elvira Drummond, José De Geus e Romero Damião. Grande parte dos arranjos e do material selecionado se originou da apostila prática de conjunto de flauta doce, do projeto Música Para Todos, da cidade de Teresina/ PI. As partes de flauta do repertório foram todas digitalizadas através do software de edição de partituras Muscore, com a finalidade de renovação das partituras e extração das faixas de áudio em MIDI, que auxiliaram como guias durante as primeiras gravações.



A busca pelo repertório levou a uma grande quantidade de obras de choro, estilo brasileiro que tem como um dos instrumentos principais o violão de sete cordas, portanto, o grupo sentiu a necessidade de incorporar o instrumento ao conjunto. Além do violão, foram organizadas participações de sanfona e percussão (pandeiro).

Para organização do trabalho, montamos um quadro de seleção de obras, apresentado abaixo, onde colocamos informações referentes a todo o repertório: nome da peça, compositor, arranjador, nível de dificuldade e formação do grupo/ divisão de instrumentos.

**Quadro 3: Seleção de obras**

<b>Nome</b>	<b>Compositor</b>	<b>Arranjador</b>	<b>Nível de dificuldade</b>	<b>Formação*</b>
<b>Lamentos</b>	Pixinguinha	José De Geus	3-B	S1 - João M S2 - Agnaldo A - João P Acomp/cravo: Oswaldo
<b>Qui nem Jiló</b>	Luiz Gonzaga/ Humberto Teixeira	Pedro Tavares	2-B	S: João M A: Agnaldo T: João P B: Oswaldo
<b>Assum Preto</b>	Luiz Gonzaga	Elvira Drummond	1-B	S: João M A: Agnaldo T: João P B: Oswaldo
<b>Rosa Vermelha</b>	Folclore Alagoano	Romero Damião	1-A	S: João M A: Agnaldo T: João P B: Oswaldo
<b>A três</b>	João Pedro Barnez	João Pedro Barnez	2-B	A: João M A: Oswaldo T: João P

**Mushrooms**

João Pedro  
Barnez; Pedro  
Henrique Zuppa

João Pedro  
Barnez; Oswaldo  
Simas

3-B

A: João M  
T: João P  
B: Oswaldo

---

Todas as obras selecionadas são arranjadas para grupos de três ou quatro flautistas, além dos acompanhamentos de outros instrumentos, portanto, as linhas melódicas apresentam diferentes níveis de complexidade, possibilitando que alunos em diferentes fases de aprendizagem toquem em conjunto. Desta forma, apareceram na seleção de obras, músicas que se encaixam em mais de um nível de dificuldade que pode ser utilizada em diferentes etapas na formação dos alunos e por grupos que tenham diferença significativa de nível entre os integrantes.

### **Ensaios e Gravações**

Após a seleção e classificação do repertório. Foram marcados ensaios com o propósito de analisar os arranjos, adaptar o que fosse necessário, combinar as entradas, voltas e saídas, ou seja, preparar o material, para as gravações e apresentações. As vozes foram divididas entre o grupo para realização da leitura. Esses encontros tiveram início em 30 de maio de 2022 e aconteceram nas manhãs de segunda-feira.

Os ensaios foram norteados conforme a pesquisa de Carvalho (2016) que propõe a aplicação do conceito de Elementos da Performance Musical – EPM na preparação de grupos de flauta doce. Tal conceito consiste em seis aspectos componentes da Performance Musical: 1) Conhecimento de conteúdo; 2) Aspectos Técnicos; 3) Aspectos Anatomo-Fisiológicos [musculoesqueléticos]; 4) Aspectos Psicológicos; 5) Aspectos Neurológicos e 6) Musicalidade e expressividade. A divisão dos aspectos é proposta para um melhor entendimento do fenômeno que ocorre no momento da performance, contudo, salienta que a noção de simultaneidade dos EPM é inerente e constante na performance musical.

Desta forma, o início dos ensaios era destinado ao alongamento muscular, afinação do grupo e controle da respiração, utilizando notas longas em uníssono ou em harmonia, em

seguida, realizamos escalas e arpejos para preparação e aquecimento dos dedos. O próximo passo, era a prática do repertório, que se iniciava pelas peças mais fáceis, para que o aumento do nível de dificuldade fosse gradual. Como o grupo pretende realizar apresentações, foi determinada uma ordem específica do repertório, que passou a ser utilizada também nos ensaios. Fazíamos um breve intervalo e continuávamos com o ensaio de repertório. Durante esse processo de ensaio, foram feitas gravações, em áudio ou vídeo, para registro e avaliação do grupo. Esses parâmetros para organização e planejamento do ensaio estão muito relacionados com as sugestões encontradas na pesquisa de Carvalho (2016)

Sugestões aos coordenadores de grupos de flauta doce:

Promova exercícios de notas longas em uníssono ou em acordes visando tanto o controle respiratório quanto de afinação, além de exercícios de escalas com as articulações diferentes observando a sincronia sonora.

Realize um breve momento de alongamento corporal antes de iniciar o ensaio e após o intervalo. O alongamento pode ser feito em cinco minutos (informe-se sobre exercícios para o alongamento evitando fadiga muscular. (RAY; MARQUES, 2005)).

Programe intervalos regulares a cada 50 minutos ou conforme após uma obra estudada, evitando dores musculares e reestabelecendo a concentração necessária ao fazer artístico.

Sempre que possível grave os ensaios e concertos e ouça-os com seus alunos, pois, a autoavaliação é um processo importante da consciência do grupo em relação a sua musicalidade.

Proponha a execução de uma obra simples de memória, assim, outras conexões neuronais serão estimuladas, promovendo também uma ligação emocional do aluno em relação à música aprendida. (CARVALHO, 2016)

Ainda, de acordo com a pesquisa de Carvalho (2016), é sugerido que os integrantes de um grupo participem de palestras e cursos a respeito do enfrentamento da ansiedade de desempenho. Assunto frequentemente abordado nas discussões do grupo e orientações oferecidas pela professora responsável pelo projeto. Para incentivar e contribuir para a preparação do grupo para as gravações e apresentações, foi marcado um masterclass com José De Geus, arranjador da peça “Lamentos”, executada pelo grupo, para discutir sobre a linguagem do choro, proposta do arranjo, observações a respeito da adaptação para flautas doces, timbres e articulações, entre outros assuntos.

O processo de gravação teve início com o Violão 7 cordas: foram gravados os acompanhamentos das peças “Qui Nem Jiló” e “Lamentos”, em diferentes andamentos. A segunda sessão de gravação aconteceu primeiramente com a gravação da flauta tenor, com as duas velocidades da música “Qui nem Jiló”, em um segundo momento, as gravações da flauta baixo nas músicas “Rosa Vermelha” e “Assum Preto”.

O espaço utilizado para as gravações foi o estúdio de gravação do autor, que conta com isolamento e tratamento acústico, tendo sido montado especificamente para realizar gravações de instrumentos. Como equipamento, utilizamos uma interface de audio M-audio Profire 2626 com 8 canais, conectada a um computador (Windows 7), a DAW (Digital Audio Workstation) utilizada nas gravações foi o REAPER. As flautas e violão foram gravadas utilizando 3 microfones: um Audio Technica At2020 mais próximo à flauta, centralizado, e dois microfones Samson C02, nas laterais, um pouco mais distantes, para fins de ambiência e efeito estéreo. Ambos os tipos de microfones são condensadores, ideais para gravações em estúdio, são bastante sensíveis e captam ambiência, nuances e harmônicos da flauta de forma bastante satisfatória. O violão foi gravado de forma similar, com adição da captação em linha (cabo conectando o violão diretamente à interface de áudio). O tratamento de áudio foi realizado basicamente com plugins dos pacotes FabFilter e Valhalla, os efeitos utilizados foram equalizador e reverb.

Como demonstração de uma das gravações do projeto, segue um trecho da obra “Cogumelos”, composta pelo autor em parceria com o compositor Pedro Henrique Zuppa: para acessar o arquivo, [clique aqui!](#)



Imagem 1: Qr code - acesso ao arquivo de áudio

Cogumelos é uma obra composta em Goiânia (GO), por dois compositores goianos, por volta de 2016. Inicialmente composta para flauta transversal, violão e violoncelo. A ideia era escrever algo que remetesse a bosques e florestas, e fosse semelhante a músicas utilizadas em filmes e jogos medievais. O tema selecionado foram os cogumelos e a noção mística que existe em torno desse tipo de fungo. Recentemente, a obra foi arranjada para um trio de flautas doces tendo como referência consorts de flautas doces e música renascentista. A obra é dividida em três partes, sendo a primeira lenta e melodiosa, a segunda, rápida e ritmada, destacada pela utilização da fórmula de compasso 11/8 e a terceira parte é um retorno ao lento, com uma variação da primeira parte. Segue abaixo um trecho da partitura, extraído dos compassos 9 ao 18 da peça:



9  
A. fla. doce  
A. fla. doce  
T. Fla. Doce

13  
A. fla. doce  
A. fla. doce  
T. Fla. Doce

16  
A. fla. doce  
A. fla. doce  
T. Fla. Doce

Imagem 2: Extrato de partitura: Mushrooms (compassos 9-18)

O projeto de flauta foi importante pois possibilitou a retomada do quarteto de flautas doces da escola de música, contribuindo para a formação dos integrantes contribuindo com mais experiência em práticas de conjunto com ênfase no repertório brasileiro e com o ambiente de ensaios realizados de forma coletiva, além disso, a criação de materiais didáticos para o ensino de flauta doce é importante para o desenvolvimento do ensino do instrumento para novos flautistas, em contextos nada favoráveis para a música no Brasil. Como experiência pessoal, tem sido um projeto muito satisfatório, pela oportunidade de relacionar áreas que tenho grande interesse: a licenciatura/didática, a flauta doce e o processo de gravação sonora em estúdio especializado.

### **Considerações finais**

Como resultado primário do trabalho, pretendemos criar arquivos de áudio no formato de *minus one* das obras selecionadas bem como disponibilizar as partituras das transcrições de flauta, violão, acordeom e pandeiro, contribuindo com o aumento do acervo de material didático baseado em música brasileira. Esse material será disponibilizado no site do projeto, que será montado ao final do processo de criação do material. Em paralelo ao desenvolvimento da parte didática, o projeto também conta com uma parte de extensão, onde o repertório selecionado será executado pelo grupo em apresentações, com a adição de outras obras conhecidas do repertório nacional, como “Simplesmente”, de Severino Araújo, “Carinhoso”, de Pixinguinha e “tico tico no fubá”, de Zequinha de Abreu.

A expectativa é que, ao final do trabalho, o grupo e o departamento de flauta doce da Escola de Música tenham um material de apoio para os cursos de flauta doce, de forma que os alunos tenham a possibilidade de estudar, individualmente, quartetos e trios sem perder a noção de conjunto e sem a necessidade de recorrer a sons artificiais dos programas de edição de partitura e de arquivos em MIDI. A proposta do laboratório é que as gravações



do projeto continuem a acontecer, aumentando cada vez mais o acervo de material didático de qualidade, disponível para alunos e entusiastas da flauta doce.

A proposta não é substituir o insubstituível, as práticas coletivas de instrumento se mostram fundamentais para a formação profissional de qualquer instrumentista. É justamente o contrário, trata-se da possibilidade de aproximar as práticas individuais diárias às práticas coletivas, da forma mais natural possível, auxiliando inclusive, grupos que pretendem tocar esse tipo de repertório.

### **Bibliografia**

CARVALHO, Cristiane dos Santos; Elementos da Performance Musical (EPM) na preparação de recitais de grupos de flautas doce, UFG (Dissertação), vii, 46 f, Brasil 2016.

MELO, Victor Alanis Rodrigues de; Análise do Repertório de Uma Orquestra de Cordas em Fase Inicial de Implantação na Cidade de Bagé; (Monografia) Brasil, 2016.

MONKEMEYER, Helmut. Método para flauta doce soprano. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1976.

GIESBERT, Franz J. Method for the Treble Recorder, Edition Schott 4469, Schott Music Corp., New York, 1957.

RAY, Sonia. Os conceitos de EPM, Potencial e Interferência inseridos numa proposta de mapeamento de Estudos sobre Performance Musical. In: Performance Musical e suas Interfaces. Sonia Ray (Org). Goiânia: Vieira/Irokun, 2005. p. 39 – 64

Pearson Edexcel GCSE, AS and A Level Music Difficulty Levels Booklet; Issue 1; December 2015; Pearson Education Limited American Band College Music Grading Chart; <https://www.bandworld.org/pdfs/GradingChart.pdf>